

# Debatedores divergem sobre projeto de banir amianto do país

A proposta de banir a exploração e o uso do amianto no país e substituí-lo por fibra sintética dividiu opiniões em audiência na Comissão de

Direitos Humanos. A substância é apontada como cancerígena, nociva aos pulmões e ao meio ambiente, mas sua exploração gera empregos. **7**



Pedro Franco/Anêncin Senado

**Representantes dos trabalhadores, Santana ressalta avanços no controle**

# Proposta de banir o amianto divide opiniões

Debate busca caminho para exploração de mina e uso de fibra, que geram empregos, mas podem causar riscos ao meio ambiente e à saúde

TRABALHADORES, MÉDICOS, POLÍTICOS e representantes do governo discordaram sobre a proposta de banir a exploração e o uso do amianto no país. Em audiência pública na Comissão de Direitos Humanos (CDH), foi debatido projeto de Paulo Paim (PT-RS) sobre a fibra de amianto, apontada como cancerígena, condenada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) há 35 anos e proibida em mais de 60 países e em cinco estados brasileiros.

O amianto está presente em vários produtos no Brasil, como telhas, caixas d'água, materiais plásticos e tintas. O Brasil está entre os cinco maiores consumidores, produtores e exportadores da fibra. O projeto (PLS 30/2017), que está na Comissão de Serviços de Infraestrutura (CI), proíbe a extração, a industrialização, a importação, transporte e armazenamento do amianto e a importação e comercialização de produtos que o utilizem como matéria-prima.

A Organização Internacional do Trabalho (OIT) calcula que ocorram anualmente cerca de 100 mil mortes no mundo relacionadas à exposição ao amianto. O Instituto Nacional de Saúde da França constatou, em 1997, que as mortes provocadas pelo amianto naquele país giravam em torno de 2 mil por ano, o que levou as nações da União Europeia a proibi-lo.

De acordo com a OMS, não existem níveis seguros de exposição ao produto. Várias



Na Comissão de Direitos Humanos, Paim (3º à esq.) ouve trabalhadores, médicos e políticos sobre possibilidade de banir exploração e uso do amianto no Brasil

empresas têm abandonado o uso do amianto após condenações na Justiça.

Hoje, a única mina de amianto em exploração no Brasil fica em Minaçu (GO). O amianto utilizado comercialmente é o da variedade crisotila, também conhecido como asbesto ou amianto branco.

## Pulmões

A Associação Brasileira dos Expostos ao Amianto (Abrea) afirma que o contato com a crisotila causa graves problemas de saúde. A aspiração de pó de amianto causa doenças pulmonares como a asbestose e a fibrose. Outra doença séria é o mesotelioma, tipo de câncer da pleura que pode levar à morte em apenas nove meses, conforme a Abrea.

— Se não é possível afastar o risco, nada melhor do que precaver e prevenir — afirmou Mauro Menezes, assessor jurídico da Abrea.

Segundo o procurador do Trabalho Luciano Leivas, o poder público vem descumprindo a Convenção 162 da OIT. A norma prevê a proibição do amianto se a medida

for necessária para proteger a saúde do trabalhador.

A Federação Internacional dos Trabalhadores do Amianto (Fitac) afirma que houve avanços no controle da exploração do asbesto e mudanças por força de acordos trabalhistas.

— Há 25, 30 anos, não havia controle. Mas hoje o ambiente é seguro. Há disputa econômica para tirar o amianto e colocar a fibra sintética — disse Adilson Santana, presidente da Fitac.

## Pesquisas

Para o médico e pesquisador Ericson Bagatin, da **Universidade Estadual de Campinas** (Unicamp-SP) e membro da Sociedade Brasileira de Pneumologia e Tisiologia, o amianto produzido no Brasil não deveria ser alvo de banimento, mas de uso controlado.

Bagatin foi o coordenador do Projeto Asbesto, estudo que avaliou os efeitos na saúde decorrentes da exposição ao amianto na mineração.

— Quando se restringiu a exploração à variedade crisotila, em níveis reduzidos de concentração de fibras suspensas no ar, e a partir da

implementação das medidas de proteção coletiva em 1977, não foram observadas alterações pulmonares.

O médico Milton do Nascimento observou que o Brasil vem trabalhando sob baixas doses de exposição desde a década de 1980.

— É possível, sim, trabalhar com amianto com qualidade sem pôr em risco o trabalhador.

## Emprego

O prefeito de Minaçu, Nick Barbosa, teme que o banimento do amianto gere desemprego na cidade. O município, com cerca de 30 mil habitantes, tem sua economia baseada na mina, controlada pela empresa Sama, do grupo Eternit, fabricante de telhas e caixas d'água. Cerca de 5 mil postos de trabalho diretos e indiretos da cidade estão relacionados à cadeia de extração do amianto.

— Minha preocupação é onde vai trabalhar esse povo todo que hoje trabalha na Sama — disse.

O presidente do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Extrativas e Beneficiamento de Minaçu e Região,

Adelman Araújo Filho, também defendeu a continuidade do uso do amianto.

— O amianto gera emprego, gera renda — disse.

Trabalhador da mina, Junior Aparecido Moreira Silva afirmou que a Sama se preocupa com o trabalhador. Mas a assessora técnica da Associação Brasileira de Exposição ao Amianto Fernanda Giannasi afirma que uso controlado do produto é uma falácia.

— Não há dúvida que o amianto é cancerígeno. Há um pacto de silêncio em Minaçu para esconder os doentes.

Para o presidente da Abrea, Eliezer de Souza, os trabalhadores deveriam se organizar e buscar alternativas que garantam o emprego na região.

A presidente da CDH, Regina Sousa (PT-PI), disse que é explicável o temor quanto ao fechamento de postos de trabalho. Mas ressaltou que é fundamental pensar na proteção do meio ambiente, da vida e das futuras gerações.

Paulo Paim (PT-RS) disse que o Senado “vai buscar um caminho e aprofundar esse debate”.